

A videorreportagem diante do isolamento do repórter: um estudo de caso sobre a TV Sergipe¹

Camila FARIAS²

Vitor BELEM³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

Resumo

Com a pandemia causada pela COVID-19, muitos trabalhadores precisaram ser colocados em *home-office*, inclusive, repórteres de TV. Mas, diante da rotina do telejornalismo de produções diárias, quais são os desafios impostos à produção de conteúdo de repórteres de TV que estão trabalhando em casa? Pensando nessas questões, esse artigo tem como objetivo discutir uma nova proposta de videorreportagem em tempos de pandemia, realizando um estudo de caso da TV Sergipe, em especial, o SE 2ª edição. A análise apontou algumas semelhanças entre o trabalho do repórter em casa e a videorreportagem, assim como identificou uma nova forma de interação com os entrevistados, tendo as fontes como produtoras de conteúdo.

Palavras-chave: Videorreportagem; Telejornalismo; Isolamento; COVID19

Introdução

O ano de 2020 está marcado pela pandemia da COVID-19, uma doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves. Wuhan foi a cidade chinesa a diagnosticar os primeiros infectados pela COVID-19, em dezembro de 2019. Cerca de um mês após o ocorrido, no dia 30 de janeiro de 2020, pelo aumento no número de infectados, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma situação de Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII)⁴.

¹ Trabalho apresentado no GP de Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Bauru) e mestranda no PPGCom da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Integrante do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (Jornau - UFS). E-mail: camilagabriellee03@gmail.com.

³ Orientador. Doutor e mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professor Adjunto do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Coordenador Adjunto do PPGCom/UFS. Líder do Grupo de Pesquisa em Jornalismo e Narrativas Audiovisuais (Jornau - UFS). E-mail: vitorbelem@academico.ufs.com.

⁴ Resposta imediata da Vigilância em Saúde à epidemia da COVID-19. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/ress/2020.v29n1/e2020002/pt/>. Acesso em: 17/09/2020.

No Brasil, o primeiro caso da doença foi confirmado pelo Ministério da Saúde no dia 26 de fevereiro de 2020, sendo que a pandemia foi declarada pela OMS no dia 11 de março de 2020. De fevereiro até o final de setembro de 2020, o Brasil registrou mais de 4,7 milhões de infectados pela doença e mais de 143 mil óbitos⁵.

Em Sergipe, a Secretaria de Saúde do Estado confirmou o primeiro caso da doença em 14 de março⁶ e logo em seguida, o Governo de Sergipe começou a decretar medidas para o enfrentamento à COVID-19. Essas medidas, adotadas em todo o país, determinavam a suspensão de eventos públicos, atividades coletivas e religiosas, assim como o funcionamento de restaurantes, shoppings e parques.

Com o chamado “isolamento social” sendo considerado a melhor forma de prevenção para evitar a contaminação por COVID-19, os decretos governamentais, posteriormente, fecharam diversos segmentos da economia com o objetivo de evitar aglomerações. Com a recomendação de ficar em casa, o isolamento social reforçou algumas reconfigurações na forma de trabalho convencional, tendo o *home-office* como uma alternativa. Esse cenário se deu, principalmente, em empresas que não podiam abrir fisicamente, assim como as que tinham funcionários com algum tipo de comorbidade e os que vivem com familiares idosos ou em situação de risco de saúde (com doenças como hipertensão, câncer ou diabetes, por exemplo).

A questão do *home-office* atingiu também o telejornalismo, incluindo repórteres de TV que precisaram se adaptar ao fato de passar notícias tendo como cenário a própria residência. Muitos repórteres foram direcionados para o ambiente residencial por estarem em uma situação de risco, como morar com algum idoso, estar gestante ou apresentar alguma comorbidade.

Uma das emissoras que precisou se adaptar a este momento foi a TV Sergipe, afiliada da rede Globo, que possui uma cobertura de 92% dos municípios⁷ no estado. A experiência da emissora servirá de base para este estudo, que tem como objetivo

⁵ As notícias mais importantes sobre Coronavírus em 30 de setembro de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/30/as-noticias-mais-importantes-sobre-coronavirus-de-30-de-setembro.ghtml>. Acesso em: 02/10/2020.

⁶SES confirma primeiro caso de coronavírus em Sergipe. Disponível em: <https://infonet.com.br/noticias/saude/ses-confirma-primeiro-caso-de-coronavirus-em-sergipe/>. Acesso em: 17/09/2020

⁷Cobertura da Rede Globo. Disponível em: <https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/Estados.aspx?uf=SE>. Acesso em: 25/09/2020.

verificar as mudanças na dinâmica da videoreportagem provocadas pelo isolamento social. Durante a pandemia e com alguns repórteres em *home-office*, algumas gravações ou entradas ao vivo, foram produzidas direto das residências. Diante deste cenário, este trabalho desenvolve uma observação descritiva e adota o método do estudo de caso, verificando como essas mudanças ocorreram na emissora.

Pandemia e *Home-office*

A partir do entendimento do “*home-office*” como o trabalho à distância, remoto ou realizado em casa, o Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolveu a PNAD COVID⁸, uma pesquisa que tem como objetivo levantar dados a respeito do impacto da pandemia no mercado de trabalho e saúde.

Com dados para todas as unidades da federação, a pesquisa mostrou que, no período entre os dias 06 a 12 de setembro de 2020, 8,2 milhões de pessoas⁹ estavam trabalhando remotamente no Brasil.

Em Sergipe, do mês de maio (que foi quando a pesquisa teve início) até agosto (mês mais recente com dados para unidades de federação), o número de pessoas trabalhando remotamente aumentou. Em maio, eram 55 mil pessoas trabalhando de forma remota, devido ao distanciamento social. De maio a junho, esse número aumentou em 10,1%, indo para 66 mil pessoas. Em agosto, esse número chegou a 64 mil pessoas no estado.

No que se refere especificamente à atuação jornalística, não há pesquisas locais sobre essa condição de trabalho. Em âmbito nacional, a Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), realizou uma pesquisa¹⁰ entre os meses de maio e junho, com o objetivo de verificar o impacto da pandemia nos jornalistas de redação. A pesquisa foi feita com 457 jornalistas de todo o país e mostrou que 75,2% deles estavam no trabalho *home-office*, enquanto somente 24,8% seguiam no trabalho presencial. Isso demonstra

⁸ Conteúdos da pesquisa podem ser obtidos em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/>. Acesso em: 15/09/2020

⁹ Conteúdo pode ser obtido em: <https://covid19.ibge.gov.br/pnad-covid/trabalho.php>. Acesso em: 05/10/2020.

¹⁰ Covid-19 entre jornalistas: Cresce pressão no trabalho; profissionais têm salário reduzido. Disponível em: <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-cresce-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>. Acesso em: 05/10/2020.

como atividades remotas, longe das redações, foram ampliadas neste período de pandemia.

Mesmo que em Sergipe já tenha passado o período de maior rigor do isolamento social, com uma flexibilização das atividades, principalmente a partir dos meses de agosto e setembro, o *home-office* é uma ação que impôs mudanças na rotina de trabalho, inclusive das práticas jornalísticas de TV, sobretudo, no cotidiano de um repórter, que é o foco deste trabalho

A videorreportagem em tempos de isolamento

O repórter de televisão é um jornalista que tem várias formas de atuação, principalmente, fora da redação. É o principal elo com as fontes de informação e responsável pelo registro dos fatos. “O corpo do repórter *in loco*¹¹, na entrada ao vivo ou na reportagem gravada, agrega um peso simbólico de autenticidade ao relato.” (PEIXOTO; PORCELLO, 2016, p. 135). Ou seja, o repórter é o indivíduo que reporta uma informação ao público e o fato dele estar no local do ocorrido, agrega credibilidade à notícia e, conseqüentemente, ao veículo de comunicação.

Se por um lado os telejornais costumam indicar que oferecem ao público as principais notícias do dia/noite, por outro são os repórteres os responsáveis pela maioria dos registros. Gutmann (2012) entende que a presença de um repórter no local do fato, torna a cobertura televisiva mais legítima. “Através do seu corpo [...] e do fato de se posicionar, ainda que simbolicamente, próximo ao fato, a figura do repórter se impõe como um importante elemento de autenticação dos relatos telejornalísticos” (GUTMANN, 2012, p.55).

Nesse sentido, cabe retomar as principais forma de atuação. A entrada do repórter no telejornal pode ser “ao vivo”, que é um termo técnico que representa a entrada do repórter do local do fato em um período simultâneo à exibição do telejornal, assim como também na condição gravada, com o boletim, o *teaser*, *stand-up* e até mesmo, planos sequências, que também são conhecidos como “câmera nervosa”. No formato mais comum na composição do telejornal, a reportagem, o repórter monta a

¹¹ Segundo o Dicionário Online de Português, o termo significa “no lugar”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/in-loco/>. Acesso em: 15/09/2020

estrutura da matéria por meio da realização de entrevistas (sonoras) e gravação de OFF, que é “um texto elaborado e gravado pelo repórter, que em geral está oculto ou coberto por cenas editadas” (TEMER, 2014, p.47). Completa ainda essa estrutura a passagem, que é quando o jornalista aparece no vídeo, configurando como uma espécie de assinatura no local do fato.

Essa aparição do repórter contribui para agregar credibilidade ao material gravado. Peixoto e Porcello (2016, p.128) entendem que a passagem “precisa contribuir para o enredo da reportagem”, o que nesse caso levaria a contar uma história. Junto com o repórter, porém, do outro lado das câmeras está o cinegrafista.

Tão importante quanto a decisão do que dizer ou mostrar na reportagem, é a forma com que serão mostradas as imagens audiovisuais, como por exemplo, os tipos de enquadramentos, o uso ou não de um movimento de câmera, o tempo destinado para cada tomada, entre outros.[...] A forma do repórter se comunicar com a audiência passa, necessariamente, pela atuação ativa do cinegrafista, profissional que decide como dispor os elementos visuais em cada plano. (PEIXOTO; PORCELLO, 2016, p.133)

Ao contrário desse modelo tradicional, no qual o repórter é acompanhado por um cinegrafista para as gravações, o videorepórter surge por volta de 1970, apresentando uma nova proposta: a do repórter ir às ruas, com uma câmera e realizar as gravações, sozinho. Este foi considerado um modelo inovador, surgindo nos Estados Unidos e Canadá (THOMAZ, 2007).

Ou seja, o conceito de videoreportagem está associado às práticas de captação e gravação de imagem jornalística serem feitas pelo próprio repórter, no local onde um fato ocorreu. “A videoreportagem introduziu um novo modo de produção no telejornalismo: um único profissional assume diversas funções como pauteiro, repórter, repórter cinematográfico e editor” (THOMAZ, 2007, p.3).

Em tempos de pandemia, como a imposta pela COVID-19, alguns repórteres de TV foram afastados das redações para o *home-office*. Nesse caso, seria possível refletirmos acerca de uma nova forma de realizar a videoreportagem no ambiente residencial? Primeiro, é fundamental destacar as transformações tecnológicas na captação de imagens. A popularização de novas tecnologias, cada vez mais portáteis, garantiram o trabalho dos repórteres sem toda a estrutura técnica habitualmente utilizada pelas equipes de reportagem. Com a câmera do *smartphone* ou do computador,

os repórteres experimentaram uma espécie de nova fase da videoreportagem, produzindo o próprio conteúdo, só que de forma remota e, na maioria das vezes, estática, sem o contato direto com as fontes ou a presença direta no local do fato. Uma análise mais minuciosa será desenvolvida adiante, a partir da observação do *corpus* em questão.

Entender o impacto das mudanças tecnológicas no processo de captação de imagens e conseqüentemente, na produção de conteúdo jornalístico para a TV também abrange o conhecimento a respeito da convergência midiática e um novo conceito de audiência como produtora de conteúdo, ainda mais, em tempos de pandemia.

A audiência na pandemia

O conceito de convergência midiática foi abordado por Henry Jenkins em relação às transformações tecnológicas. Para ele, a convergência “altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos [...] altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.” (JENKINS, 2009, p.41).

Apesar do autor não enxergar a convergência midiática somente como uma transformação tecnológica, é importante compreender que tanto o acesso como a produção da informação são facilitados pelo uso de aparelhos, como o celular. “Através de um único aparelho, podem acessar internet, filmar, fotografar, ouvir música, escrever e tantas outras possibilidades que aparecem revestidas como aplicativos.” (CAMARGO, SILVEIRA, BORTOLI, 2013, p.5). O acesso a esses aparelhos e as diversas funcionalidades presentes em um único dispositivo alteraram também a relação do telejornalismo com sua audiência, que é vista cada vez mais como uma produtora de conteúdo.

A audiência potente não só ressignifica as mensagens que recebe, nem atua apenas enviando conteúdos, por meio de vídeos, áudios, fotografias, ou sugestão de pauta para a mídia, ou seja, uma relação no sentido de coprodução de notícias - onde a audiência ocupa cada vez mais espaço de intervenção para a democratização da informação (VIZEU, MESQUITA, 2014, p. 597).

Ou seja, mesmo em períodos “normais”, a audiência já assumia um papel fundamental no envio de pautas e conteúdos utilizados pelos jornalistas de TV. Em

períodos de pandemia, com isolamento social da população e de profissionais da televisão, seja da parte da produção ou da reportagem, a “audiência potente” assumiu um papel ainda mais necessário e dentro do que o pesquisador Henry Jenkins chama de cultura participativa.

[essa expressão] contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtos e consumidores de mídia ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com o novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. (JENKINS, 2009, p 28).

Com isso, a cultura participativa pode trazer mudanças no *modus operadi* do jornalista, de modo geral, assim como do telejornalista. E isso se dá por meio da “democratização das ferramentas de produção - que resultou num grande número de conteúdos diariamente postados em redes sociais, por qualquer pessoa com acesso a um computador ou a um dispositivo móvel, conexão com a Internet para a publicização” (MESQUITA, VIZEU, 2014, p. 601 *apud* Anderson, 2006).

Isso representa dizer que a audiência é produtora de conteúdo por meio do acesso às ferramentas de produção e conexão com a internet. Kneipp (2014) explica que essa possibilidade de interação que permite que o receptor intervenha no noticiário, exige do telejornalista tanto agilidade como flexibilidade. A agilidade é necessária a partir do momento em que o repórter precisa lidar, de forma eficiente, com muitas informações que chegam em plataformas digitais e a flexibilidade é necessária, pois é fundamental se adaptar a estes novos meios de produção do conteúdo, proporcionados pela convergência midiática.

Essa exigência é ainda mais presente em um cenário de isolamento social, no qual, o contato entre o repórter, telejornal e audiência só é possível por conta dessas ferramentas tecnológicas, seja no uso computador ou smartphone em conexão com redes digitais e as mudanças que esse período impôs, reforçaram novos desafios.

O repórter em *home-office*: um estudo de caso sobre a TV Sergipe

A análise dessa adaptação da videoreportagem dentro da lógica do isolamento social, resultou em um estudo de caso realizado com a TV Sergipe. De acordo com Yin

(2001, p.32) “o estudo de caso é uma investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, sendo que os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

Segundo o autor, o estudo de caso como “explicação” representa uma busca pela compreensão do que foi submetido à análise, obtendo novas interpretações e expectativas. Nesse sentido, objetiva-se compreender as novas formas de produção de conteúdo jornalístico para a televisão na TV Sergipe durante a pandemia, em especial, verificando se existe uma nova proposta de videorreportagem para os repórteres que estão produzindo conteúdo em home-office.

No caso da videorreportagem, o repórter está na rua realizando as gravações de forma individual e precisa ter noções de enquadramento, escolha das imagens e a captação dos sons que deseja construir no corpo da matéria.

O videorrepórter, sendo responsável pela composição dos códigos verbal, sonoro e imagético, terá que dominar os elementos expressivos que compõem a imagem. No momento em que está captando imagens e sons ambientes, ele já coloca seu ponto de vista, pois seleciona o que será gravado e como mostrar o fato ao telespectador, o que inclui a escolha de movimentos e enquadramentos de câmera e a duração das cenas. Cada profissional terá um modo particular por meio do qual vê o mundo. (THOMAZ, 2007, p. 5)

Além disso, existem outras diferenças entre o repórter de rua de televisão para o videorrepórter. Essa diferença está no uso do microfone de mão, dinâmico e cardióide, que é muito comum no caso do repórter tradicional de TV e, no caso do videorrepórter, a forma de captação de áudio é feita pelo próprio microfone interno da câmera do celular smartphone.

O som, neste caso, é captado pelo microfone interno do equipamento. O enquadramento do rosto do videorrepórter também é o close ou o meio primeiro plano, o que causa uma sensação mais intimista e próxima com o telespectador. [...] O som ambiente e os ruídos têm função primordial como registro descritivo, pois complementam a informação da imagem e agem como efeito de realidade. (THOMAZ, 2007, p. 6)

Porém, em um cenário de gravações em casa, como isso ocorre? Para verificar esse assunto, a análise foi realizada, obtendo o conteúdo por meio da plataforma “Globoplay”, na qual a TV Sergipe disponibiliza trechos do seu telejornal. A busca foi feita levando em consideração o Jornal “SE 2ª Edição”, que é exibido à noite. Esse

jornal foi escolhido pela percepção da entrada do repórter ao vivo, de sua casa, nesse telejornal, em específico.

O material analisado foi escolhido a partir da semana composta. De acordo com Riffe, Aust e Lacy (1993) este método permite a construção de uma semana como objeto de estudo, de forma aleatória. Por exemplo, para a composição de segunda a sexta-feira de um telejornal, é possível analisar a segunda-feira de uma semana, a terça-feira da semana seguinte e assim, sucessivamente. A partir da semana composta, os meses escolhidos para a análise foram do final de junho a agosto, pela proximidade com o período de escrita deste artigo.

Partindo desse critério, os dias de análise seriam os seguintes: 29/06 (segunda-feira), 07/07 (terça-feira), 15/07 (quarta-feira), 23/07 (quinta-feira), 31/07 (sexta-feira), 03/08, 11/08, 19/08, 27/08 e por fim, para completar a semana, 04/09. Verificando esses dias de análise, constatou-se que em três deles, não houve disponibilização de conteúdo no Globoplay com a participação da repórter em casa. Esses dias foram 29/06, 03/08 e 04/09.

Observações preliminares

Baseado nos 7 dias de análise, o conteúdo foi obtido por meio da plataforma Globoplay, em trechos do telejornal em que houve aparição da repórter Anna Fontes. Ela faz parte da equipe de profissionais que estão afastados de suas atividades de rotina na redação, trabalhando de forma remota. O motivo do afastamento se dá por ela morar com pessoas do grupo de risco da COVID-19. Em sua rede social no Twitter, a TV Sergipe compartilhou essa novidade.

Imagem 1 - Bastidores da gravação com a repórter Anna Fontes



TV Sergipe @tvsergipehdtv · 4 de mai

Durante o período de quarentena, a repórter Anna Fontes, que convive com pessoas do grupo de risco, participa do #SE2 direto de casa, trazendo informações relevantes pra você. Segurança em primeiro lugar! #Bastidores



Fonte: Twitter da TV Sergipe¹²

Em todas as aparições analisadas (7), a repórter entrou ao vivo, de sua casa e com um enquadramento conhecido como “primeiro-plano”, que enquadra a imagem do peito para cima e é muito utilizado em gravações de videorreportagem, para agregar uma ideia de maior proximidade com o público. O posicionamento da câmera, escolha do cenário em casa e a gravação são feitos pela repórter, a partir de um serviço de comunicação digital próprio da TV Sergipe. A elaboração do texto e controle de iluminação também ficam por conta da repórter.

Constatou-se, nos dias de análise, o uso de microfone de lapela para a captação de áudio. Por conta da entrada ao vivo, o uso de fones de ouvido também foram utilizados para a interlocução com a apresentadora do telejornal, Susane Vidal. A entrada da repórter ao vivo no telejornal tem duração média de 3 a 4 minutos, podendo variar a depender da pauta.

Imagem 2 - Entrada da repórter Anna Fontes de forma remota

¹² Disponível em: <https://twitter.com/tvsergipehdtv/status/1257442933860638723>. Acesso em: 02/10/2020



Compilado de entradas ao vivo da repórter/ Fonte: Globoplay

Desse tempo, pelo menos 20 a 30 segundos são disponibilizados para as sonoras dos entrevistados. Em relação aos entrevistados, percebe-se que em nenhum momento ocorre o contato com a repórter de forma física. Um bem cenário diferente de antes da pandemia.

Imagem 3 - Gravações anteriores à pandemia



Entrevistas ao vivo realizadas em um período anterior à pandemia/ Fonte: Globoplay

Ao contrário do período anterior, no qual as fontes eram entrevistadas com o repórter de forma presencial, nesse cenário, elas encaminham vídeos ou fotos, que são chamados pela repórter como um reforço do conteúdo já apresentado ou uma explanação a respeito de uma situação comentada, agregando credibilidade ao conteúdo.

Essa gravação do vídeo, tanto por parte da repórter, como do entrevistado, é feita por meio de equipamentos como *smartphone* ou *webcam*, reforçando a importância e presença da convergência midiática nas relações comunicacionais televisivas, que foram intensificadas pela pandemia. Esse tipo de gravação, com a repórter entrando ao vivo e chamando um vídeo gravado, muda a lógica da entrevista ao vivo assim como, a estrutura de uma matéria jornalística gravada (já que existe uma mescla entre “ao vivo” e gravado).

Imagem 4 - Envio de vídeos por parte dos entrevistados



Compilado de entrevistas apresentadas pela repórter/ Fonte: Globoplay

Percebe-se que existe uma orientação para que os entrevistados enviem vídeos gravados na horizontal, em um enquadramento que pode ser a partir do primeiro plano (peito para cima) ou meio primeiro plano (da cintura para cima). Os entrevistados também captam seu áudio podendo utilizar um equipamento de auxílio como um microfone dinâmico, porém, na maioria das entrevistas realizadas, a captação do áudio foi feita diretamente do equipamento de celular ou o microfone do fone de ouvido.

Para facilitar a visualização das principais semelhanças e diferenças da videorreportagem tradicional para esse novo modelo de produção de conteúdo imposto pela pandemia, uma tabela foi criada levando em conta os pilares da produção televisiva que envolvem a imagem, texto e som.

Quadro 1 - Comparativo entre a videoreportagem tradicional com a nova proposta de produção de conteúdo na pandemia

Videoreportagem	Tradicional	Na pandemia
Preparação Verbal+sonora+imagem	Feitas pelo videoreporter	Preparação verbal feita pela repórter, junto com a preparação de sua imagem. A sonora é realizada pela repórter, porém, com o suporte da TV
Modo de filmagem por conta própria	Filmagem realizada pelo repórter	Filmagem realizada pelo repórter
Captação de áudio	Microfone interno do equipamento ou suporte com lapela, ou outro equipamento	Suporte com lapela e uso de fones de ouvido do próprio equipamento smartphone
Gravação de entrevistas	Ocorre na presença das fontes, com interação e ações participativas	Ocorre o envio de vídeo ou fotos por parte das fontes. Não há contato físico com o repórter, porém, ocorre a interação digital
Enquadramento	Meio primeiro plano (da cintura para cima) ou o primeiro plano (peito para cima)	Primeiro plano
Participação na pauta e edição	Participação ativa na produção e edição (além de todas as fases de realização do material)	Não ocorre participação na edição, porém, existe atuação do repórter no contato com as fontes e produção
Ao vivo ou gravado?	Varia a depender do tipo de conteúdo que será noticiado, abrindo margem para as duas possibilidades	Entrada ao vivo (na análise do telejornal SE 2ª edição)

Fonte: Autora do artigo

Considerações finais

A partir da análise do telejornal SE 2ª edição, constatou-se a presença de uma repórter que precisou adaptar sua forma de produção de conteúdo, anteriormente na rua, para o ambiente residencial. A partir das mudanças verificadas, é possível notar algumas semelhanças com a videoreportagem, no que se refere à produção de conteúdo, captação de imagem e enquadramento. Neste caso, a repórter entra ao vivo utilizando seu smartphone, por meio de um enquadramento em primeiro plano.

Porém, a pandemia e o isolamento social não permitem que o modelo apresentado neste trabalho seja idêntico ao realizado na videorreportagem tradicional, mas sim, adaptado. A principal adaptação diz respeito às novas formas de interação com as fontes (que não precisam necessariamente encontrar com o repórter fisicamente, e que encaminham vídeos, também gravados em aparelhos celulares), assim como mudou a lógica do repórter em cena para passar a credibilidade da informação ao público. Inclusive, os cenários de gravações sofreram modificações quando comparados com a videorreportagem tradicional, onde o repórter ia a campo, para um cenário em casa, apontando um novo modelo de videorreportagem a partir da convergência midiática.

Em um período em que a televisão digital já enfrenta diversos desafios com as mudanças e transformações tecnológicas, o cenário da videorreportagem realizada em casa surge como mais um processo de adaptação por parte da produção, repórter, equipe de edição e apresentador do telejornal. “Todas estas inovações e mudanças tecnológicas ocorridas mostram que o telejornalista precisa ser flexível, enfrentar novos desafios sempre, e estar preparado para mudanças” (KNEIPP, 2014, p.296).

Referências

BARBEIRO, Herodoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. Manual do Telejornalismo - Os segredos da notícia na TV. Editora Campus. 2002.

CAMARGO, Isadora; SILVEIRA, Stefanie; BORTOLI, Suzana. Desafios e convergências de uma mídia espalhada: Um novo contexto informacional em diferentes ambiências digitais - Disponível em: http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor4/files/2013/08/Camargo_Silveira_Bortoli.pdf. Acesso em: 09/09/2020.

GUTMANN, Juliana. Formas do Telejornal. Um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva. 2012. Tese para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA.

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2009. Editora Aleph.

KNEIPP, Valquíria. Formação do telejornalista brasileiro: trajetória, desafios e perspectivas dos profissionais na era transmidiática. Telejornalismo em questão. 2014. Editora Insular. Volume 3. Florianópolis.

MACHADO FILHO, Francisco; THOMAZ, Patrícia. A videorreportagem como tendência na convergência digital. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – São Paulo – 07 a 10 de maio de 2008. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2008/resumos/R9-0067-1.pdf>. Acesso em: 04/09/2020.

MESQUITA, Giovana; PEREIRA JUNIOR, Alfredo Eurico. Audiência potente e as novas relações no jornalismo. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2014v11n2p596/28242>. Acesso em: 09/09/2020.

RIFFI, Daniel; AUST, Charles F.; LACY, Stephen R. The Effectiveness of Random, consecutive day and Constructed week sampling in newspaper content analyses. In: Journalism Quarterly V. 70, n.1. Spring, 1993, p.133-139.

SILVA, Karina. Videorreportagem em três estilos - Análise de um subgênero em formação. UFBA, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/8298/1/Karina%20Araujo.pdf>. Acesso: 06/09/2020.

THOMAZ, Patricia. A composição da obra autoral e a experimentação da linguagem telejornalística na videorreportagem. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Santos – 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0239-1.pdf>. Acesso: 06/09/2020.

TEMER, Ana Carolina. Desconstruindo o telejornal: um método para ver além da melange informativa. Telejornalismo em questão. 2014. Editora Insular. Volume 3. Florianópolis.

WIMMER, Roger D.; DOMINICK, Joseph R. La investigación científica de los medios de comunicación: una introducción a sus métodos. Barcelona: Bosch, 1996.

Yin, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2001. Porto Alegre. 2ª edição. Editora: Bookman.